

BANZO COMO A PALAVRA QUE RESTA: A FABULAÇÃO CRÍTICA COMO PRODUTORA DE CONTRANARRATIVAS IDENTITÁRIAS

Diego Carvalho de Oliveira Soares ¹

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma conceituação de banzo, aproximando-o e afastando-o das compreensões de lugar fechado da forma organizativa dos *plantations* do período colonial e da melancolia de gênero, para pensá-lo dentro de narrativas de autoria negra, enquanto produtor de identidades racializadas, desde a margem. A partir de *Diário de Bitita* (1982), de Carolina Maria de Jesus e *A palavra de resta* (2021), de Stênio Gardel, o texto pretende seguir as personagens em suas experiências de autodefinição, pelas tentativas de apropriação da cultura em que estão inseridas, principalmente através da linguagem, no aprender a ler para escrever e contar sua história, como um movimento de afirmação de identidades.

Em abordagem teórico-metodológica interseccional, o estudo opera no sentido do entrecruzamento dos marcadores sociais de raça, gênero, classe e sexualidade, para localizar as vivências escritas das personagens, entendendo o interesse pelas narrativas e não pelas biografias das autoras, de modo a não invisibilizar o empreendimento artístico executado. As obras, portanto, não são meramente ilustrativas da teoria, mas produtoras em si de conhecimento para as áreas que se debruçam sobre os processos de subjetivação.

Banzo como palavra que restou do violento processo de colonização, preserva a possibilidade de entendimento de si e identificação de estranhamentos emocionais em primeira pessoa, articulados à ancestralidade africana. Nesse sentido, interessa perceber o que a historiografia oficial deixou de fora ou pretendeu apagar: a história lacunar negra, ou a história das pessoas que não tinham acesso a mobilidade social, que foram pretendidas restritas às margens da sociedade, mesmo no pós-abolição, pela manutenção de estruturas desiguais de distribuição de poder. Banzo, portanto, cabe dentro do escopo de *fabulação crítica* desenhado por Saidiya Hartman (2022). Para concluir o arco teórico-poético que se dispõe a pensar identidades desde o banzo, desde as palavras que restam, Judith Butler e Édouard Glissant,

¹ Mestre do Curso de **Psicologia Social** da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, diego18maio@yahoo.com.br;

trazem importantes inspirações acerca da melancolia de gênero e experiência das *plantations*, respectivamente, junto do pretuguês, de Lélia Gonzales (2019 [1993]).

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia aqui implementada desenha-se principalmente a partir do referencial interseccional. Os materiais utilizados são trechos dos livros *Diário de Bitita* (2014 [1982]), de Carolina Maria de Jesus, e *A palavra que resta* (2021), de Stênio Gardel, buscando acompanhar os percursos das personagens Bitita e Raimundo em seus processos de leitura e escrita do mundo e de si, visibilizando o quanto se aproximam e se afastam do conceito de banzo e o quanto esse movimento diz da *fabulação crítica*, de Saidiya Hartman (2022).

A pesquisa interseccional necessita que os marcadores sociais da diferença sejam abordados também em sua metodologia, pois não se sustenta apenas como referencial teórico, haja visto a própria história de sua origem dentro do movimento feminista negro (Diaz-Benites; Mattos, 2019). Não se trata de um acúmulo de opressões, os marcadores sociais de raça, classe, gênero e sexualidade são vistos entrecruzados, posicionando Bitita e Raimundo em suas relações, seus acessos e interdições sociais e suas possibilidades de auto-definição. Apesar de não se equivaler aprioristicamente diferença e desigualdade, as narrativas aqui descritas revelam os modos como os entrecruzamentos tendem a tornar desigual a possibilidade de agência e circulação no mundo, para ambos.

Diário de Bitita narra a história da infância de Carolina Maria de Jesus entre os interiores de um país de abolição recente. Bitita vive entre Sacramento, interior de Minas Gerais, onde nasceu, indo trabalhar em fazendas entre os interiores de São Paulo e Minas, conseguindo, antes disso, frequentar o Colégio Allan Kardec por apenas dois anos – o suficiente para lhe despertar o amor pelas palavras. É uma menina negra e pobre, trabalhadora rural e doméstica, diagnosticada logo cedo pelo Dr. Eurípides Barsanulfo como portadora de *pensamento poético*: “Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; Pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa” (JESUS, 2014 [1982], p. 74). Eis o banzo: essa desacomodação diante dos interditos racistas, o ato de perguntar demais, ler demais e, então, escrever, escrever, escrever. Do sítio em Parelheiros, o retorno aos tempos em que lavrava terra e palavras, ainda menina. Registros em um caderno que atravessou o Atlântico para se grafar primeiro em língua estrangeira (francês). Banzo, o percurso errante do estranhamento.

A palavra que resta (2021), romance do autor cearense Stênio Gardel, narra uma história também habitante de um contexto rural, pobre, racializada com tintas sertanejas. Raimundo

vive temporalidades distintas no livro. Raimundo Gaudêncio de Freitas é um homem gay de setenta e um anos que decide aprender a ler e escrever para conseguir finalmente ler a carta de Cícero, seu amor de infância, dos tempos idos em Liomeiro do Norte. A história do jovem casal fora interrompida pelo pai de Raimundo, Damião, homem preso em uma identidade masculinista, mas que tece alguns desvios, embora isso não impeça de fazer duas importantes proibições para o filho: o romance com Cícero e a alfabetização. Como Bitita, nos anos 1920, Raimundo, cerca de cinquenta anos depois, não devia frequentar a escola, para ajudar o pai na lida do campo. O banzo de Raimundo no desencontro com foz para as águas do pranto retido. Negada a palavra. Negado o amor. A carta resta não lida, retida. Banzo-represa. E guardada. Banzo-promessa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Banzo aparece como conceito chave neste trabalho, uma vez que sua definição primeira atesta para o olhar do outro que define o eu, quer dizer, banzo é verbo da “ação de pasmar com pena” (Oda, 2008), no dicionário de língua portuguesa do século XVIII e definido, no período colonial, por antropólogos europeus, como frei Domingos Oliveira, como nostalgia mortal dada em pessoas escravizadas retiradas à força de sua terra natal. Todavia, um olhar mais detido sobre as origens etimológicas do termo, revela algumas possibilidades de definição que deslocam o sentido, não em termos de conteúdo em si, mas no quem nomeia, como a língua sustenta ou não alguns sentidos, apesar de, ou em diálogo/embate com os membros da sociedade com capital intelectual para estabilizar a língua. Banzo compõe o extenso corpo vocabular de origem etimológica Bantu que forma o português brasileiro e o desloca no sentido do *pretuguês* de Lélia Gonzales (2019 [1993]). Logo, banzo pode ser compreendido como *mbanza*, de etimologia quimbundo, significando aldeia: “banzo, saudade da aldeia e, por extensão, da terra natal” (Oda, 2008, p. 737); *mbonzo*, também do quimbundo, traduzido em saudade, paixão, mágoa; e *mbanzu*, do quicongo, como pensamento, lembrança (Lopes, 2012, p. 46).

É por conta da fragilidade dos arquivos e documentações acerca da história da população negra e pobre da diáspora africana nas américas que Saidiya Hartman propõe a construção de um percurso de criação em cima dos vazios, perdas e destroços. Fabulação crítica trata de uma espécie de processo imaginativo sobre os documentos partidos, deixando evidente que houve um agente de quebra e que há um agente de reparação que, identificada com aquela que foi ou se pretendeu apagada, escreve como ela e como si mesma. Ou seja, ao entrar em contato com

uma fotografia de uma menina negra violada, cujo nome e história se ausenta, a autora a reencarna e, escrevendo, lhe reconstitui a identidade, reposicionando sua própria no movimento. A identidade negra, generificada, lhe permite esse eco, por não ser derivada de um processo de subjetivação narcísico de subjetividades ensimesmadas e centralizadas no indivíduo isolado da relação.

Há algo que resta nessa desestabilização da língua que encarna nos processos subjetivos de pessoas negras, e, na colonialidade, raça informa classe e desloca os sentidos gênero, sexualidade, idade na diáspora. A organização social compõe e decompõe territórios, língua, modos de relação e distribuição de poder. Resta algo a se prantear que movimenta as subjetividades conforme elas se entrecruzam nos marcadores da diferença. Butler (2003 [1990]), em seu processo de contradizer e fazer o caminho inverso de Freud acerca da consolidação de gênero através do Complexo de Édipo e repúdio ao tabu sexual imposto, pensa melancolia de gênero no sentido contrário ao do psicanalista, buscando a identificação do objeto perdido na explicação psicanalítica sobre melancolia não como resposta à proibição do incesto, mas da homossexualidade. Já Glissant (2021 [1990]) reconstrói o percurso da modernidade colonial desde a designação da pessoa negra como aquela de quem se fala, como o Outro. Como se apropriar da cultura de um mundo (branco) violento sem sucumbir a ela? Glissant tece relevantes reflexões sobre o que legitima um discurso na modernidade e em como escapar dessa legitimação refém da branquitude para poder se autorizar enquanto agente de si. Identidade, aqui, se dá em Relação, como R maiúsculo, pois trata-se de uma poética, não de uma lógica dialética. Nasce no ventre fechado dos calabouços e navios, dos exílios e esconderijos, para produzir errância e desestabilização na presunção de um horizonte identitário único, universal, neutro, objetivo, invisível, monolítico e inalcançável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] as palavras ficaram grandes demais e eu encolhi, por causa da vergonha. Vê lá se isso é coisa da gente guardar dentro da gente, Raimundo!” (Gardel, 2021, p. 94). Essas são palavras da Suzzanný, colega de classe do Raimundo de setenta anos. Também lida como uma professora: negra e travesti, ela o ensina a se livrar das palavras-pedras que guardava dentro de si. Mas ainda restava outra vergonha. A de saber ler para poder reivindicar o amor que não foi, porque eram dois meninos, dois homens. Butler (2003 [1990]) afirma que é a lei do discurso e não as supostas “predisposições sexuais” que produzem gênero e sexualidade e selecionam o

dizível do indizível. Ao ter seu direito de se dizer amando outro homem, Raimundo se enclausurou na mudez das pedras, metaforizada também como a demora em se inscrever na cultura pela leitura: “ela [Suzzanný] que me ajudou a perder essa vergonha, mas agora tenho outra, de tentar estudar [...] acho que eu queria mesmo era que tu me ensinasse, já que foi tu que plantou essa esperança em mim, queria que ela brotasse e crescesse de tu” (ibidem, p. 136).

Bitita tinha desde cedo o sonho de aprender a ler. Invejava a amiga Isolina: “Se ela é preta e aprendeu, por que é que eu não hei de aprender?” (Jesus, 2014 [1982], p. 46). Desejo nutrido por dois professores extra-oficiais, como Suzzanný: seu avô Benedito, o Sócrates Africano, e Manoel Nogueira, homem negro de pele clara, que possuía um cargo público e lia notícias e contava sobre política para os habitantes de Sacramento. A mãe, Cota, não queria mais que a filha participasse das rodas, pois a considerava inquieta demais, consumida pelo pensamento poético a que foi acometida desde pequena, ou seja, o caráter indagador das desigualdades sociais: “O filho do pobre, quando nascia, já estava destinado a trabalhar na enxada. Os filhos dos ricos eram criados nos colégios internos. Era uma época em que apenas a minoria é que recebia instruções” (ibidem). Mesmo assim, ela conseguiu estudar no Colégio Allan Kardec. Por apenas dois anos. Porque, também mesmo assim, precisou acompanhar a mãe e o padrasto no trabalho como colonos nas lavouras.

O caráter emancipatório da apreensão da cultura intelectual por Bitita não se deu apenas pela leitura e escrita formais, embora nesse âmbito ela encontre destino artístico e político, mas principalmente na oralidade e no sentido coletivo na mesma, ensinado em seu território reagrupado, onde se articula a preservação de signos e sentidos ancestrais na diáspora. Glissant (2021 [1990]) pensa na dinâmica das *plantations* (plantações) como um lugar fechado, do qual é proibido sair, que impõe ritmo e relação de espaço em organização piramidal, hierárquica e imóvel, mas que não estabelece uma tradição marcante. Por ser um modelo isolado e dependente, abrigou desvios e contaminações em seu interior, como francês crioulo caribenho e o pretugês. É aqui que se funda, paralelamente, os modos de Relação, que, pela linguagem oral e escrita, estabelece um esforço de continuidade que cria tradições literárias. Bitita, como Carolina Maria de Jesus, é uma dessas figuras fundadoras. Essa é a aposta desse estudo. Stênio Gardel segue o fio.

Do lugar fechado, as palavras se abrem e “reagrupam em uma palavra diversificada aquilo que era cruamente direto, dolorosamente reengolido, pacientemente diferido. Elas são o grito da plantação transfigurado em palavra do mundo” (Glissant, 2021 [1990], p.102). Eis o exercício fabulativo. Talvez seja através do banzo mesmo – enquanto lugar fechado, enquanto melancolia, mas também como estado entre mundos (advindo de sua definição no território das

religiões de matrizes africanas) –, que se pode falar, firmar, aterrar outras identidades, em um processo de pranto e plantio, plantio e pranto.

Palavras Chaves: banzo, relações raciais, processos de subjetivação, melancolia de gênero, fabulação crítica.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade (1990). Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2003.

DÍAZ-BENÍTEZ, M. E.; MATTOS, A. R. Interseccionalidade: zonas de problematização e questões metodológicas. Em: sabel Rocha de Siqueira; Bruno Magalhães; Mariana Caldas; Francisco Matos. (Org.). **Metodologia e relações internacionais: debates contemporâneos**: vol. II. 2ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2019, v. 2, p. 67-94.

GARDEL, S. A palavra que resta. 1ª ed. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2021.

GLISSANT, É. Poética da Relação (1990). 1ª ed. Rio de Janeiro: **Bazar do Tempo**, 2021.

GONZALES, L. A categoria político-cultural da Amefricanidade. Em: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.) Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: **Bazar do Tempo**, 2019.

HARTMAN, S. Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. São Paulo: **Fósforo**, 2022.

JESUS, C. M. Diário de Bitita (1982). São Paulo: **SESI-SP editora**, 2014.

LOPES, N. Novo dicionário Banto do Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: **Pallas**, 2012.

ODA, A. M. G. R. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 11, n. 4, supl. p. 735-761, Dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000500003&lng=en&nrm=iso>. acesso em: 07 jun. 2025.